



Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Servidores Públicos do Município de Indaial - SC

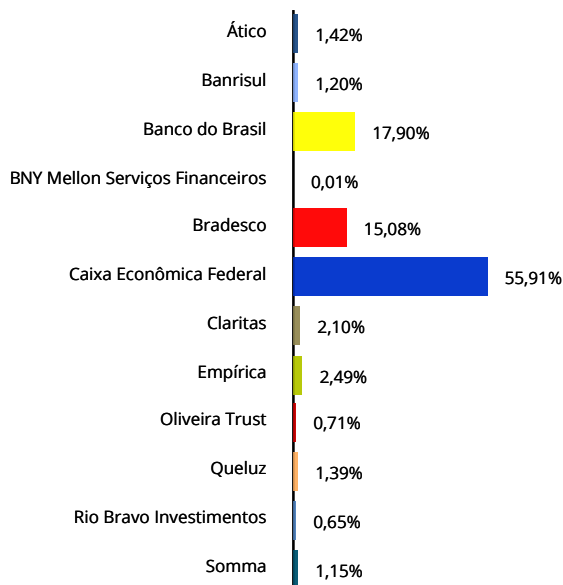
Relatório da Carteira de Investimentos

JULHO

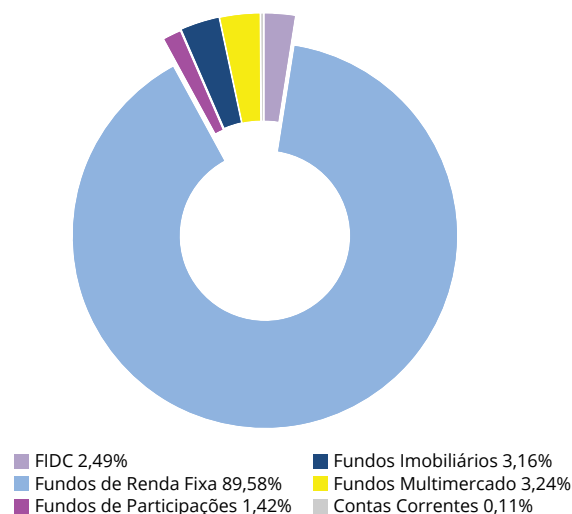
Os recursos do INDAPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuída da seguinte forma:

Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



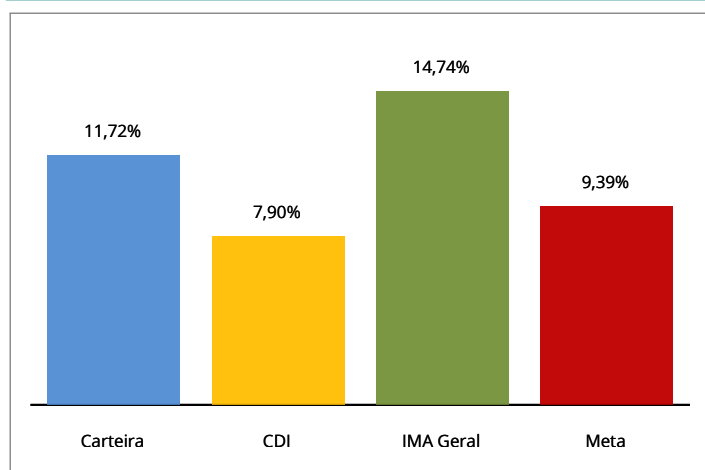
Distribuição da Carteira por Segmento



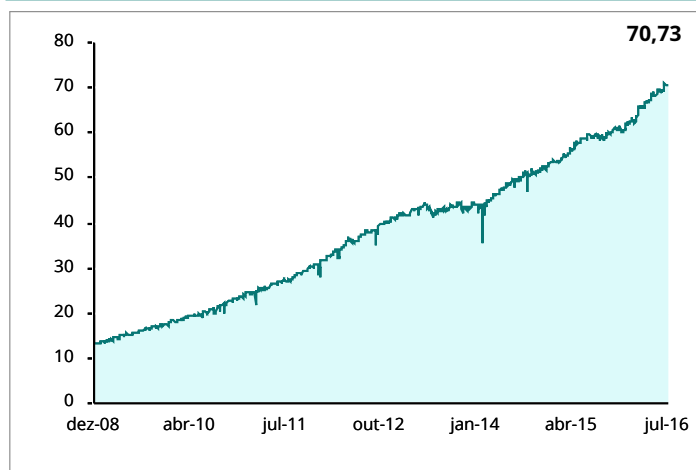
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
INDAPREV	1,43%	11,72%	15,58%
CDI	1,11%	7,90%	14,13%
IMA Geral	1,66%	14,74%	17,84%
Meta Atuarial - INPC + 6 %	1,13%	9,39%	16,19%

Carteira x Indicadores em 2016



Evolução do Patrimônio (em R\$ Milhões)



Análise de Desempenho: A carteira do INDAPREV tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.



Análise Macroeconômica

O segundo semestre do ano iniciou com grandes expectativas em relação às ações dos principais bancos centrais do mundo. O Federal Reserve (Fed), banco central americano, continuou mantendo estável sua taxa básica de juros, em linha com nossa expectativa. Em seu comunicado, foi bastante otimista a respeito da atividade econômica e do mercado de trabalho, o que reacendeu nos analistas de mercado a possibilidade de o Fed antecipar o próximo aumento de juros. No entanto, julgamos exagerado o grau de otimismo com que os membros do Fed descreveram a economia daquele país – o que ficou claro com a divulgação do PIB do segundo trimestre do ano, de apenas 1,2% – e acreditamos que os próximos dados devem corrigir as expectativas sobre o ritmo de aumento do juro nos EUA. Assim, mantemos a projeção de que o juro ficará estável até o final deste ano.

Na Zona do Euro, o Banco Central Europeu (BCE) se reuniu e decidiu pela manutenção da política monetária vigente. No entanto, sinalizou em seu comunicado que deve aumentar os estímulos monetários em sua próxima reunião, que ocorrerá dia 8 de agosto. Desta forma, embora não tenha feito efetivamente nada, contribui para a expectativa de mais aumento de liquidez. Assim, na próxima reunião o BCE deve aumentar o prazo de seu programa de estímulos, de março para setembro de 2017, e contribuir para melhorar as expectativas sobre a economia global – principalmente depois da saída do Reino Unido da União Europeia.

Na China, o resultado do PIB do segundo trimestre mostrou a economia crescendo 6,7% em termos anualizados em relação ao primeiro trimestre do ano. O número ajudou a reduzir o temor sobre a desaceleração da economia chinesa no curto prazo, mas não melhorou nossa expectativa para o médio prazo, uma vez que ainda acreditamos na elevação do risco de crédito no país.

Aqui no Brasil, ao longo de julho, o cenário político permaneceu proeminente. Eduardo Cunha renunciou à presidência da Câmara e novas eleições para a Casa foram convocadas. Rodrigo Maia (DEM-RJ) foi eleito, fruto da união de partidos de oposição ao governo Dilma (PSDB, DEM, PSB e PPS) com partidos pró-Dilma (PT, PDT e PC do B) e de uma ala do PMDB descontente com o crescimento da importância do chamado "Centrão" (que aglutina diversos pequenos partidos fisiológicos, como PP, PSD, PR, PRB, PSC, entre outros). Maia venceu em segundo turno, após disputar com Rogério Rosso (PSD-DF), representante do Centrão, apoiado por Cunha e, teoricamente, pelo governo Temer. No fim das contas, a vitória de Maia foi ainda melhor para Temer, pois aglutinou o apoio de partidos mais ideológicos e com ideias mais próximas das demonstradas pelo presidente interino.

Em agosto, a articulação política por medidas de ajuste fiscal deve permanecer em ritmo muito lento, pois o governo ainda precisa aguardar a finalização do processo de impeachment contra a presidente afastada Dilma Rousseff. Além disso, parece ter aumentado a probabilidade de adiamento das pautas mais sensíveis para depois das eleições municipais.

Enquanto a política fiscal não melhora, a monetária continua precisando fazer seu trabalho sozinha – ao menos agora com uma equipe altamente qualificada. Ilan Goldfajn estreou sua primeira reunião como presidente do Banco Central com um comunicado e uma Ata da decisão muito mais precisos, completos e demonstrando claramente que seu objetivo é de fazer a inflação convergir para 4,5% ao final do próximo ano. Desta forma, acreditamos que a Selic permanecerá estável nas duas próximas reuniões do Copom, sendo cortada apenas na última reunião do ano (novembro), em 0,25 ponto percentual.

Renda Fixa

Três ações de grandes bancos centrais expressam bem o receio com o crescimento econômico mundial. O europeu vai dar continuidade à sua política expansionista. O inglês decidiu esperar por mais sinais de sua economia para tomar medidas mais robustas, mas já colocou liquidez na economia para estimular o crédito. Por fim, e não menos importante, o banco central americano continua adiando o aumento da taxa de juros diante da divulgação de dados ruins de sua economia. No Brasil, temos uma equipe econômica determinada, focada em fazer a inflação convergir à meta, enquanto o governo interino permanece em compasso de espera pela definição do impeachment.

A curva de juros continua se ajustando à percepção do mercado de que o novo Bacen segue com uma postura dura e com intenso foco na convergência dos níveis de preço para o centro da meta. A reiteração de que há a necessidade de uma política fiscal mais austera para que a flexibilização da política monetária seja possível também colaborou para que o mercado adiasse suas apostas de cortes na SELIC, levando a uma elevação nos vértices mais



curtos da curva. O aumento da incerteza quanto à capacidade do governo Temer em realizar os ajustes fiscais e a aparente fraqueza em resistir a pressões políticas parecem ter deixado o mercado mais impaciente e fizeram com que os vértices mais longos retornassem a níveis mais elevados no fim do mês.

Após forte queda no ano, o mês de julho foi de consolidação do dólar. Dizemos que a moeda norte americana ficou “de lado”, sem tendência definida, com uma alta de apenas 0,91%. O mercado de câmbio acompanhou o movimento de queda do dólar frente às principais moedas. Em contrapartida, o Banco Central do Brasil atuou, quase que diariamente, realizando swaps reversos (que representam “compra de dólar”).

Renda Variável

A bolsa de valores iniciou a segunda metade do ano com forte valorização, assim como havia encerrado o primeiro semestre. Contribuíram pra este resultado a forma responsável com que a ruptura do Reino Unido com União Europeia tem sido tratada, além da “cobertura financeira” dos bancos centrais mais fortes do planeta. Como consequência direta dos fatos acima, associados ao fluxo cambial controlado no mundo todo, os mercados de maior risco tiveram ótimos desempenhos no mês. O índice S&P500 (EUA) valorizou 3,56%, o Stoxx600 (Europa) subiu 3,64% e o Nikkei do Japão apreciou-se 6,38%, evidenciando o apetite por risco dos investidores destas regiões.

Nos mercados emergentes, além do contexto acima, ressaltamos o relatório do FMI que, entre outros assuntos, apontou melhora na expectativa de crescimento em 2016 para a China em 0,60% e para o Brasil em 0,50% – mesmo com a atual recessão. Outro ponto a ser mencionado foi a tentativa de golpe de estado na Turquia, fato que promoveu uma migração de capital para o Brasil. A instabilidade promovida foi suficiente para o câmbio funcionar a favor do Real, ainda que os fundamentos dos dois países sejam parecidos e que o golpe turco não tenha de fato ocorrido.

Para o Brasil, a pauta política em julho ficou em segundo plano devido ao recesso parlamentar, mas a mensagem que permaneceu foi a de que a conduta política adotada por Michel Temer está no rumo certo – a melhora na confiança da indústria e do comércio corroboram esta ideia. O mercado também se mostra muito confortável com a equipe econômica e a austeridade do Ministério da Fazenda e do Bacen. Desta forma, com um cenário macroeconômico melhor, apreciação das commodities, fluxo cambial sem sobressaltos e trégua no campo político, o Ibovespa começou o semestre com valorização de 11,22%.